

A construção da identidade social de branquitude em sala de aula

Bianca Andreza da Silva Dias*

Resumo:

Baseando-se em uma visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais, este trabalho investiga como os significados construídos em sala de aula ajudam a definir nossas identidades sociais (Moita Lopes, 1997). Pretende-se examinar como a escola constrói o entendimento de branquitude (Giroux, 1997), tentando não mais olhar branquitude como um traço naturalizado, mas como uma construção social. Os resultados apontam a importância de se pensar a educação como um processo de construção de quem somos, indicando a necessidade de se lutar por um ensino onde os participantes envolvidos na prática discursiva possam agir para que haja mudança social.

A questão da construção social de branquitude torna-se cada vez mais “um assunto de inquietude e preocupação” (Omi & Winant, 1993:8). Com o presente trabalho tenho como objetivo investigar como os significados construídos em sala de aula ajudam a definir nossas identidades sociais (Moita Lopes, 1997), especificamente, aquela que se refere à raça.

Para a elaboração deste trabalho, estabeleço como noção crucial a visão de que a identidade é um construto social. Entendo discurso como ação, ou seja, “o significado é construído pelos participantes discursivos ao agirem no mundo social” (Moita Lopes 1997:5), e, conseqüentemente, suas identidades sociais também são construídas.

Dentro desta visão, percebe-se a relação intrínseca entre discurso e identidade já que ambos são construídos socialmente. Neste trabalho, desconstruo a visão essencialista da identidade social de raça, tentando não mais vê-la como uma forma unitária ou ainda como postula Omi e Winant (1993:3), “como uma essência, um fenômeno natural, cujo significado é fixo”. Irei analisar branquitude como “uma construção social, cultural e histórica” (Giroux, 1997:289).

1. Metodologia e contexto de pesquisa

A metodologia da pesquisa é de cunho interpretativista com base etnográfica. A etnografia é usada nesta pesquisa para observar como as identidades sociais são construídas através do discurso dos participantes, e tenta entender essa construção a partir do ponto de vista dos participantes. Sigo, portanto, a) a concepção de Fetterman (1989:3) de que “as pessoas agem em suas percepções individuais e essas ações têm conseqüências reais, sendo importante procurar entender como as pessoas vivem os fenômenos que elas encontram”; e b) a de Moita Lopes (1997:12) de que a única maneira de se ter acesso ao conhecimento em relação ao mundo social é através do

* Projeto “Discurso, Narrativa, e Construção da Identidade em Sala de Aula de Língua Materna” (CNPq 523548/96-6 e FAPERJ E-26/171-390/98), pertencente ao Projeto SALÍNGUAS (Sala de Aula de Línguas) da Faculdade de Letras da UFRJ, no período de março de 1999 a fevereiro de 2001, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes.

exame da maneira “como usamos a linguagem na sociedade para agir no mundo social, ao mesmo tempo que nos construímos, construímos os outros e o mundo a nossa volta”.

Os dados utilizados para a investigação deste trabalho foram coletados em aulas de leitura em língua materna, em uma turma de 5ª série de uma escola da rede pública de ensino, localizada em um bairro da zona norte do Rio de Janeiro, durante o segundo semestre de 1997. A turma em questão era constituída por 38 alunos, sendo dezessete meninas e vinte e um meninos, com idades que variam de 11 a 15 anos. Foram gravadas em áudio oito aulas (de 90 minutos cada) e três entrevistas com foco no grupo (com a mesma duração das aulas) com alguns alunos selecionados pela professora. Também foram feitas notas de campo que posteriormente foram transformadas em diário de pesquisa.

2. Identidade de raça como um construto social

“Costumava ele espantar-se com a psicologia superficial daqueles que concebem o Eu humano como uma coisa simples, imutável, digna de confiança e possuidora de uma só essência. Para ele, o homem era um ser de múltiplas vidas e múltiplas sensações, uma criatura complexa e com uma infinidade de facetas”.

Wilde (1995: 157)

O momento da história em que vivemos é marcado pelas rápidas transformações sociais. Os novos movimentos sociais, por exemplo, os movimentos feministas, dos negros e dos homossexuais têm desafiado a existência das identidades fixas de raça, gênero e sexualidade. Hoje não se acredita mais na existência de um sujeito homogêneo, mas sim de um sujeito marcado pela heterogeneidade, i.e., “um sujeito plural com a identidade multifacetada” (Moita Lopes, 1998a:2).

A concepção teórica que orienta este trabalho é a visão sócio-construcionista de que os significados são construídos socialmente através da interação dos participantes em uma determinada prática social. Um aspecto central na construção das identidades é a identidade de raça, pois esta desempenha, juntamente com outros traços das identidades sociais, um papel importante na vida social do indivíduo.

A identidade social é marcada pela identidade de raça, todavia, ela também tem outros traços como sexualidade, gênero, classe social, idade entre outros aspectos de nossas identidades (cf. Moita Lopes, 1997:8). Dependendo do contexto em que nos encontramos, e como nos posicionamos no discurso, cada traço sobressai mais ou menos que o outro.

A visão essencialista vê raça, assim como outros traços da identidade, como uma característica inerente ao indivíduo. Porém, dentro da visão sócio-construcionista, não se considera raça como uma marca biológica, mas sim como construída na vida social.

Sigo, portanto, a concepção de Pinar (apud Omi e Winant, 1993:61) de que a “formação da identidade é construída e expressa através da representação, isto é, a construção da diferença é negociada na esfera pública”, através do discurso. E as nossas relações não são naturais e sim construções para agirmos socialmente, pois o

nosso posicionamento vai depender do contexto em que nos encontramos e, portanto, de nossos interlocutores.

Conforme Bakhtin (1981 apud Moita Lopes, 1998b:305) indica, “toda enunciação envolve pelo menos, duas vozes: a voz do eu e a voz do outro”. Na realidade é o outro que irá dar forma ao que somos. É crucial aqui a noção de alteridade devido “à importância do outro neste processo de construção de nossas identidades sociais” (Moita Lopes, 1996).

De um modo geral, a identidade social de branquitude não é concebida como raça. Como aponta Giroux (1997:287), “os brancos se vêem como transparentes racialmente e reescrevem a branquitude como invisível; isto é, raramente, ocorre às pessoas brancas, que elas são privilegiadas porque são brancas”. Porém, conforme diz Moita Lopes (1998b:309), “o poder atravessa a sociedade em diferentes direções dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem através de diferentes práticas discursivas”. Assim, “as identidades estão sujeitas a mudanças, isto é, podem ser reposicionadas” (Moita Lopes, 1998b:310). Sendo assim, em uma relação entre um empregado branco e um chefe negro as posições podem se alterar.

3. Identidade de Raça na escola

A escola de um modo geral contribui para a criação de estereótipos e exclusão, já que o significado construído no contexto de sala de aula reflete o significado construído por uma sociedade racista. A escola se silencia diante da construção da identidade de branquitude, legitimando-a como uma identidade naturalizada. De um modo geral, “as representações de branquitude em toda parte da escola são tratadas como um conhecimento neutro não precisando de comentários” (Sleeter apud McCarthy e Crichlow, 1993:166-167). É preciso começar a olhar a construção da identidade de branquitude no contexto escolar como “parte de um projeto cultural, social, e de cidadania política maior” (Giroux, 1997:297).

4. Análise dos dados

Passo agora a investigar o modo como a identidade social de branquitude é construída pelos participantes no contexto de sala de aula. Na seqüência analisada, P representa a voz da professora, PP designa a fala do professor pesquisador, () indica algo inaudível, e os nomes dos alunos que aparecem foram modificados devido a questões de natureza ética. Estarei trabalhando com dados provenientes de uma aula e de uma entrevista, pois estes melhor evidenciam a questão aqui discutida.

Seqüência 1 (aula do dia 25/08/97)

- 01 Beto: Porque não é “a coisa está branca” mas “a coisa está preta”?
- 02 P: Ah! A coisa tá branca. É verdade. Por que será? Peraí deixa eu ouvir quem não
- 03 falou ainda. Fernanda.
- 04 Fernanda: ()
- 05 P: Gente. Psiu. Fernanda tá falando só eu tô ouvindo.
- 06 Fernanda: O Bruno acabou de botar a questão de pô, tem um cara dirigindo, tem

- 07 um cara dirigindo, só podia ser preto mesmo, só porque o cara é mais escuro. Mas
 08 também tem uma coisa: se é ... como branco né. Se não a gente não se valorizar,
 vai
 09 continuar o preconceito sempre.
 10 P: É sobre isso Ana? ... A Fernanda tá dizendo que o negro tem que se valorizar
 11 porque se não o branco não vai fazer isso. Ah!

A aula começa com uma discussão em torno da questão do preconceito. Os alunos começam a discutir o preconceito no trânsito. Uma aluna fala do preconceito em relação as mulheres que dirigem, e logo em seguida Beto leva o foco da discussão para expressão “a coisa está preta” em vez de “a coisa está branca” (linha 01).

Nesse trecho, observamos que a identidade social de branquitude começa a ser discutida, mas é a identidade social de negritude que é mais enfatizada pelos participantes. Conclui-se, portanto, que esse início de interação é caracterizado pela construção social da identidade de negritude. Há uma tentativa de desnaturalização da identidade de branquitude que é anulada no contexto dessa sala de aula, visto que, a professora não problematiza a discussão.

Seqüência 2 (Entrevista com os alunos do dia 10/11/97)

- 01 PP: Vocês acham que a pessoa pode acabar, por exemplo, chegar e falar pra uma
 02 pessoa e falar que um negro não presta, que negro é ladrão ...
 03 Flávia : É a maioria das pessoas fala que negro é ladrão.
 04 João: O que causa o preconceito são () vem uma pessoa de fora e fala ah! Esse
 05 cara é branco, mata e tal ... começa a espalhar ... () daqui a pouquinho os
 06 brancos todos tão, Ah! É uma raça que não presta, tal ... É influência dos outros,
 entendeu?
 07 Escutam falar aí vai um repetindo pros outros () O cara fala paraíba aí, paraíba,
 08 achei engraçado e começa a espalhar pra todo mundo.

Na seqüência da entrevista em análise, o professor pesquisador inicia a discussão questionando os alunos a respeito do estereótipo de que negro é ladrão (linha 01 - 02). Como aponta Giroux (1997:288), “a cultura negra é percebida popularmente como a cultura do crime”, e acrescentaria que ela além de ser percebida é também construída culturalmente como tal. Aqui percebemos como, a construção da identidade de raça na sala de aula são reflexos dos significados preconceituosos construídos pela sociedade, que são tratados como normais na escola, ao invés de serem questionados.

É interessante, observar que João focaliza a discussão na questão do branco, dizendo que o branco também poderia ter sido construído com essa imagem de ladrão (linha 05 – 06). João evidencia que o negro é chamado de “ladrão” porque a sua identidade de raça foi marcada por esse estereótipo. Percebe-se, nesta seqüência, uma situação de resistência para começar a romper com essa postura silenciada em relação ao branco, pois o aluno questiona a naturalização da visão estereotipada do negro.

Seqüência 3 (dentro da seqüência anterior)

- 01 PP: E esse negócio assim, alguém falou na sala, porque não é a coisa está branca, mas sim a coisa está preta?
- 02 Juliana: Tá ruim, tá sujo, tá tudo ruim, tá péssimo.
- 03 Flávia: Quer dizer que preto é sinônimo de coisa ruim?
- 04 Alex: É porque o branco é harmonia, sinônimo da paz, coisas assim ...
- 05 PP: É isso? Não é porque, os brancos é que estão no poder, são gente que tem dinheiro.
- 06 Rafael: Há quanto tempo não existe presidente preto?
- 07 PP: Há quanto tempo? Já teve?
- 08 Flávia: Não sei. Nunca, acho que não, não sei.

O professor pesquisador retoma a discussão levantada na aula do dia 25 de agosto de 1997 (cf. seqüência 1) em torno da expressão “a coisa está preta”. A aluna Juliana responde indicando que o negro é relacionado a qualidades negativas; porém, Flávia questiona essa visão preconceituosa com relação ao negro. E o Alex ratifica essa visão estabelecendo um paralelo com relação ao branco, que estaria comparado sempre a qualidades positivas. É importante apontar aqui que os alunos parecem questionar a idéia de que a sociedade tem “uma visão mítica de branquitude associada com pureza e inocência” (Giroux, 1997:287). O professor pesquisador tenta lembrar aos alunos que as idéias estão relacionadas a quem tem poder. E na sociedade em que vivemos o branco está em posição privilegiada.

Quando o professor pesquisador questiona os esteriótipos da sociedade, os alunos expõem a sua opinião, porém isso não parece ocorrer da mesma forma no contexto da sala de aula. Em geral, a escola não colabora para a desnaturalização da identidade social de branquitude. Muitas vezes, conforme aponta Moita Lopes (1998b:324), “o discurso em sala de aula não problematiza a questão de quem é beneficiado pelos significados construídos”.

5. Considerações Finais

A questão da identidade é um tópico fundamental para quem lida com educação, principalmente pelo fato de a sala de aula ser um espaço que está diretamente ligado a construção da identidade social do indivíduo como os dados acima indicam.

A análise dos dados aqui apresentados aponta para o fato de que no discurso de sala de aula há indícios da sócio-construção da identidade de raça, o que indica que ela pode ser reconstruída em outras bases, como o professor pesquisador tenta fazer. Apesar dos brancos não se construírem como raça, um contra discurso emerge com a fala do aluno João (cf. seqüência 2), que apresenta um questionamento frente a naturalização da identidade de branquitude, embora a questão não seja problematizada pelo professor.

A possibilidade de reconstrução das identidades é uma questão crucial ao entendermos educação como um processo social em que mudanças precisam ser geradas. Desta forma, a análise aponta para a necessidade de se lutar por um ensino anti-racista, onde os participantes envolvidos na prática discursiva possam agir para

que haja mudança social.

A escola deve ser pensada, então, “como um espaço de (re)descrição e (re)construção da identidade social através da consciência de como usamos a linguagem na sociedade para agir no mundo social ao mesmo tempo que nos construímos e o mundo a nossa volta”(cf. Moita Lopes, 1997:12). É preciso reconhecer a necessidade de discutir branquitude como “a possibilidade para alunos brancos reconhecerem sua própria representação e lugar legítimo dentro da luta por mudança social e uma sociedade anti-racista” (Giroux, 1997:285).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FETTERMAN, David M. (1989). *Ethnography Step by Step*. London, Sage.
- GIROUX, H. A. (1997). Rewriting The Discourse of Racial Identity: Towards a Pedagogy and Politics of Whiteness. *Harvard Educational Review*, 67 (2):285 – 320.
- MOITA LOPES, L. P. da. (1996). *Oficina de Lingüística Aplicada: a Natureza Social e Educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. S.P., Ed. Mercado das Letras.
- _____(1997). (Re)construção das Identidades Sociais de Gênero e Orientação Sexual no Discurso da Sala de Aula de Línguas, Trabalho apresentado no XIV ENPULI na UFMG, Belo Horizonte (no prelo).
- _____(1998a). *Discourse as social action: constructing sexual orientation identity in a school setting*, Trabalho apresentado no 4º Congresso de International Society for Social Cultural Research and Activity Theory, Aarhus, Dinamarca (no prelo).
- _____(1998b). Discurso de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: Inês, SIGNORINI (org.) *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP, Mercado das Letras, pp. 303 - 330.
- OMI, Michael & WINANT, H.. (1993). On the Theoretical Status of the Concept of Race. In: McCARTHY, Cameron & CRICHLLOW, Warren (eds) *Race, identity, and representation in education*. New York, Routledge, pp. 3 - 10.
- WILDE, Oscar. (1985). *The Picture of Dorian Gray*. London, Penguin.